

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A IGREJA E PESTE: OS CAPUCHINHOS ITALIANOS NA EPIDEMIA DE CÓLERA-MORBO EM PERNAMBUCO – 1855/56

ALEXANDRE BASTO ALVES COSTA

Doutorando em História PPGH-UFPE

Recife, Pernambuco, Brasil.

alexandre.basto@yahoo.com.br

Resumo: Observando o contexto das “Santas Missões”, podemos caracterizar o papel político-social dos missionários capuchinhos italianos, com destaque o trabalho frei Caetano de Messina, que junto ao grupo de barbadinhos sicilianos chegados em Recife em setembro 1841, e concentrados no Hospício de Nossa Senhora da Penha no bairro de São José, sob propósito de catequese indígena e apaziguamento de povos livres e pobres, deparam-se também com as adversidades da pandemia de cólera-morbo que assolou o nosso território entre 1855 e 1856.

Palavras-chave: Capuchinhos italianos. Cólera-morbo, Pernambuco oitocentista.

Na segunda metade do século XIX, a Província de Pernambuco estava imersa às tensões políticas e sociais que refletiram em levantes populares, como a Guerra dos Marimbondos, sob o constante clima de ressaca de revolução frente a capital, quando o Império do Brasil, pressionado pelo moderno estado inglês, cujo qual não estava inserida a mão-de-obra escrava.

Entretanto, tais medidas acabaram atingindo aos homens livres pobres, considerável parcela da população não cativa, que além de temerem o cativo lutavam para sobreviver diante das pestes que abatiam diversas as localidades, onde descontentes com as novas determinações montavam resistência às propostas do Governo. Soma-se a isso, a conjuntura da ocupação territorial do país, concentrada nas cidades portuárias do litoral, ora os “sertões” marginalizados.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para esse cenário foi convocada eficiente força de contenção de massas, a Igreja católica. Subsidiando a vinda e a manutenção de capuchinhos sicilianos, o governo Imperial brasileiro encomendou um eficaz mecanismo para alicerçar a ordem pública daquele século. A marcha dos capuchinhos italianos pelo interior do Nordeste, principalmente em Pernambuco, supriu a carência de assistência do Estado às capitais das províncias, como às populações distantes dos centros urbanos do litoral.

E é proposta dessa breve análise contextualizar o impacto de pandemia no cronograma das missões dos capuchinhos italianos e como o percurso de combate à doença, que se disseminava pelo interior, influenciou na rota desses religiosos sertões à dentro; em contraste com a secular experiência missionária franciscana nos campos da Europa, no enfrentamento de pragas e atritos sociais.

Havia se passado uma década desde que iniciada a missão em Pernambuco e os capuchinhos da Penha já se empenhavam no estabelecimento de atividades itinerantes em diversos pontos da província quando Recife é tomada pela epidemia de Cólera Morbus, o que não foi de nada estranho para a população que já vinha sofrendo de constante período os surtos epidêmicos desde 1849. Segundo Pereira da Costa (1983), àquela altura, a capital da província já lidava com o alto número coléricos em todas as camadas sociais, o que era potencializado em decorrência da carência de estruturação sanitária de sua complexa geografia espacial e ocupação urbana que já se mostrava desordenada, seguindo o leito dos rios que abasteciam a cidade e cortavam as regiões mais povoadas.

Os primeiros meses de 1856 já registravam o caos urbano em Recife, que devido a enfermidade, se observou profundas mudanças na dinâmica dos costumes e logo atingiu a cotidiano da sociedade. A angústia coletiva que tomava as casas e as vias públicas, devido ao ininterrupto aumento no número de óbitos, dava espaço a narrativa espirituais que justificassem tal moléstia. E é sob essa aterrorizante realidade que os capuchinhos da Penha reordenam sua missão na região. Conscientes de suas funções, que para além do plano religioso, agregavam de forma orquestrada às suas atividades missionárias as medidas sanitárias paliativas que logo foram vislumbradas pelas autoridades da província

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que não pouparam esforços para sua viabilidade, verbas públicas financiaram obras tanto na capital, quanto em deslocamento desses religiosos em direção ao sertão.

[...] a epidemia em seu furor não poupou quase habitante algum desta cidade. Viam-se fechadas as lojas de ruas e distritos inteiros. Os sinos não deixavam de dobrar anunciando ao povo aterrado o falecimento ou o estado mórbido dos habitantes. Os médicos, exaustos de forças, não chegavam para os doentes. De noite, por todas as ruas se encontravam ricos e pobres: transluzia em todos os semblantes a incerteza do futuro e o horror do presente. (PEREIRA DA COSTA, 1983, p. 44).

A primeira pandemia de cólera que se tem registro, trata-se de um surto iniciado no ano de 1817 no vale do Rio Ganges na Índia. Porém, apesar de ser uma patologia contagiosa que prolifera-se através de alimentos contaminados e principalmente por descartes de dejetos em áreas ao longo de margens de rios e sendo Recife uma cidade fundada sobre vocação portuária, tendo um dos portos mais movimentados do mundo naquele período ainda em meados do século XIX, lugar onde desaguam abundantes rios que cortam toda sua paisagem urbana, a doença chega a capital vinda por sucessivos contágios iniciados no interior trazidos de províncias vizinhas a Pernambuco.

Ao atracar no porto de Belém do Pará em maio de 1855 a barca de imigrantes portugueses Defensora, que havia saído da cidade do Porto, também trazia consigo não apenas uma nova leva de mão de obra para essas terras como também desembocariam com esses passageiros infectados a moléstia que veio a ceifar, em um curtíssimo intervalo de tempo, milhares de vidas no Brasil, principalmente na região Nordeste. Salientamos que no período ocorreu relevante fluxo migratório de lusitanos para a região em destaque devido a proibição de tráfico humano de pretos cativos e as restrições ao trabalho escravo da população origem africana.

Atentos as configurações sociais e a ocupação da província de Pernambuco desde a década de 1840, os capuchinhos italianos estabelecidos no Hospício de Nossa Senhora da Penha já tinham desbravado grande parte do território nordestino em missão, seja demarcando áreas de aldeamentos indígenas e ou com obras pelas vilas onde passavam em constante itinerância, igrejas, educandários, cruzeiros, açudes e cemitérios foram

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

construídos e ou reformados nas missões. Conforme nos mostra Fragoso (1985), as referidas obras que visavam controlar populações locais as normas do estado imperial que buscava se modernizar.

Segundo Pereira da Costa (1983), o primeiro foco do vibrião do cólera em Pernambuco foi registrado na vila de Papacaça, Bom Conselho – PE, em dezembro de 1855, localizada na região do agreste meridional à aproximadamente 280 km de Recife. A então vila que ficava entre o limite das províncias de Pernambuco e Alagoas de onde os primeiros casos da região se originaram. Tal como cita Loreto (2014), peste bubônica chegou a Murici no início de 1856. Matando cerca de 200 pessoas. No mesmo ano passa frei Caetano de Messina pregando o evangelho e assistindo o povo, em seguida partiu em direção à Pernambuco depois de missionar em Quebrangulo – AL¹.

Não tardou e no início do ano seguinte, conforme demonstram as fontes, o surto já havia se espalhado pelas demais vilas da região, há registro de óbitos de colérgicos no período em Garanhuns, Águas Belas, Buíque, Arcoverde, Flores, Sertânia, Tacaratu, Pesqueira, São Bento do Una, Canhotinho e Caruaru oriundos de enfermos que partiram desse deslocamento, até mesmo casos em Alagoa do Monteiro na Paraíba.

Tais dados não nos levam a suspeitar que o empenho de frei Caetano de Messina, então prefeito do Hospício da Penha, em pôr em funcionamento em curtíssimo espaço de tempo o colégio de Nossa Senhora do Bom Conselho devido epidemia da referida moléstia, cuja obra havia sido iniciada em sua primeira missão pela vila de Papacaça em abril de 1853. Fosse para o provimento aos enfermos e principalmente no acolhimento de órfãos daqueles que havia perdido familiares para a cólera. Há relatórios das missões

¹ Da sua passagem nessa povoação, encontra-se algumas referências. Dentre elas: ‘em 1855, o missionário Frei Caetano de Messina fez uma série de benefícios expostos pelo subdelegado de polícia em ofício de 4 de novembro de 1856, dizendo textualmente: quis a Divina Providência que no dia 28 de outubro passado chegasse nesta povoação o Rev. Missionário Apostólico [...], que vinha de Pernambuco para a freguesia de Papacaça (atual Bom Conselho), aqui abriu missão a pedido do Rev. Vigário e do povo, onde pregou cinco dias. O concurso do povo excedia duas mil pessoas as quais se empregaram no serviço da nova matriz. Com a administração do Reverendíssimo Missionário, fez um terraço na frente da igreja, uma capela para o Santíssimo Sacramento, uma capela-mor enquanto pudesse construir uma de pedra e cal. Com a ajuda do povo deixou material necessário para a construção do corpo da igreja’. Encerrando os trabalhos nessa localidade o capuchinho prosseguiu viagem à Papacaça em 3 de novembro de 1856. IDEM, 2014, p. 55. (LORETO, 1983, p 55)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

remetidos a autoridades provinciais pelos próprios capuchinhos, onde estes descrevem suas atividades missionárias sob cunho sanitário de cuidados de colérgicos e de enterramento de mortos, como em casos construção e melhoramento de cemitérios desde cidades da região da zona da mata alagoana.

Com termos assinados em 2 de maio de 1857, frei Caetano de Messina remetia ao então presidente da província de Pernambuco, Dr. Joaquim Pires Machado Portela, solicitações de providências para o custeio da manutenção e viabilidade de expansão dos serviços de recolhimento do colégio. O que podemos analisar a seguir na íntegra do documento do acervo do APEJE, AE-8 Fl. 229:

Illmo. E Exmo. Snr. Presidente duzentas, e quarenta e tantas meninas sertanejas de todas as cores, e condições, tanto desta Prova. Como das circunvizinhas que eu deixei no dia 21 de Abril, educando-se, e instruindo-se no Novo Colégio do Bom Conselho em Papacassa: 130 destas na aula externa, e 110 na aula interna, envião em Comissão especial perante V. Exa. para eu em nome da Província, e da moderna civilização: lhe peço de três á quatro Religiosas Européias para lhe servir de [...] e Mestras, para lhe pedir mais algum subsidio para as órfãs desvalidas internas, em vez de diminuir seu numero, aumentando-lo.

Me agouro Sr. Presidente que esta minha humilde representação, fará algum peso no religioso e caridoso coração de V. Exa. Pois é triste observar os Sertões d'esta Ilustrada Província, entregues a estupidez, a ignorância, a prostituição, e a todos os vícios, diametralmente opondo-se a sã Moral de J. C. a envergonhão perante aos Povos Civilizados.

Sr. chegou a hora de Pernambuco regenerar-se nos costumes, e moderna civilização; pois se ultimamente se ergueu um Ginásio para moralizar os varões pernambucanos. Também agora um gram Colégio Central a religião, e os Povos, oferecem a V. Exa. para formar matronas instruídas, e trabalhadoras.

Da planta da obra (se bem imperfeita) que tenho a honra de lhe remeter, poderá V. Exa. formar uma idéia da sua capacidade material.

Eu recolhi só 110 meninas dentro do Colégio não que o Colégio não poderia conter mais de outro tanto: não porque o flagelo cólera-morbo deixou poucas órfãs de Pai e Mãe no Sertão, mas (falo claro) porque não sabia que um varão Pres. Inteligente, prudente e piedoso administrava a sua Província Pernambucana.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Do modo, e da maneira benéfica como tem sido ultimamente o nosso Colégio tratado do Exmo. Bispo Diocesano, me agouro que há de ser tratado por V. Exa. [...].

Queira N. S. da Penha acompanha-lo sempre em seus atos Governativos, e enche-los da aquelas bênçãos que costumam obter do Altíssimo para os seus protetores as inocentes orfãosinhas.

Deus Guarde a V. Exa. muitos anos.
Hospício da Penha aos 2 de Maio de 1857.
Frei Caetano de Messina Pref. Ap. Capuchinho.

Apesar das missões no Nordeste revelarem aos capuchinhos italianos um panorama geográfico e social inédito, o enfrentamento a cólera não foi novidade no contexto das missões. Frei Caetano de Messina², durante os quatro anos vividos em Messina, tempo entre sua ordenação e a vinda para ao Brasil em 1841, foi professor de Teologia e Filosofia. Em 1837, quando a cólera-morbos devastou a população de Catânia, na ilha da Sicília na Itália, esse capuchinho assistiu aos infectados e missão, aos serviços de animar os enfermos, fosse na assistência do conforto espiritual ou no tratamento direto aos enfermos, obtidos e assistência aos órfãos. O convívio com os colérgicos ainda na Sicília, foi sem dúvida uma das razões pelas quais se observa o enorme desdobramento de investimentos e preocupação das autoridades do império em financiar as missões desses religiosos. Assim, o governo imperial importava eficaz instrumentos de contenção de intempéries de seu tempo.

Os capuchinhos italianos revelaram-se em vigorosa instituição de apelo popular direto o que muito interessava a autoridades locais e de alta patente ter influência direta pelos percursos de suas funções no Brasil, suas vozes se fizeram ouvir por várias regiões

² Na primeira década do século XIX, no ano de 1807, especificamente na Vila de Castanea da província de Messina, Itália, nasceu Caetano. Batizou-se na igreja de San Giovanni Batista, recebendo o nome de Santi. Filho de fervorosos cristãos católicos, Caetano Lentini e Maria Panti Lentini, Santi foi educado nos preceitos cristãos. Fez estudos elementares na sua cidade natal, continuando mais tarde no convento de Santo Antonio em Messina. Nesta despertou seu interesse pela vida religiosa. Sua ordenação ocorre em 1836, sendo presidida por seu guardião frei Gian Batista, recebendo o burel da ordem dos frades menores capuchinhos. Os dados precisos sobre sua infância, juventude e os primeiros anos servindo a igreja católica, perderam-se durante um terremoto que ocorreu em Messina em 1908, quando o convento e todo seu arquivo documental foram perdidos. Atualmente, no local do antigo convento dos capuchinhos, funciona uma faculdade inaciana, erguida logo após a destruição causada pelo terremoto. (LORETO, 1983, p 16)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de nossa sociedade desde o princípio de sua organização, dando fim a desavenças, minimizando atritos dos povos com o Estado enquanto propagava a fé cristã católica.

Intuito encomendado, determinado e estabelecido com a chegada dos primeiros barbadinhos no Recife em 11 de setembro de 1841, que com o financiamento da Assembleia Provincial, desembarcavam no porto dessa cidade, um grupo de missionários despachados de Roma, por decreto da *Propaganda Fide*³. Eram eles, frei Plácido de Messina, frei Caetano de Gratiere, frei Serafim Catânia, frei Sebastião de Mélia e frei Caetano de Messina, este último, assumindo posteriormente a responsabilidade de coordenar os demais missionários no Brasil, possuindo além os cargos de vice-prefeito, prefeito e comissário geral das missões dos capuchinhos italianos no Brasil gozava de relevante prestígio social e que fez da ordem uma das que mais arrecadou soldos e bens no empenho de atividades das mais diversas.

³ Congregação Para Evangelização dos Povos - 1. Com a Bula *Inscrutabili Divinae*, (22 de Junho 1622) emanada por Papa Gregório XV, a Congregação teve o seu início, sob a denominação *Propaganda Fide*, com o tempo foi-se acrescentando outros documentos pontifícios fundamentais como: *Romanum decet* (com a mesma data), *Cum inter multiplices* (14 de Dezembro de 1622), *Cum nuper* (13 de Junho de 1623), e por fim *Immortalis Dei* (1º de Agosto de 1627). A tarefa primordial da Congregação é desde sempre a propagação da Fé pelo mundo inteiro, com a específica competência de coordenar todas as forças missionárias, de proporcionar directivas para as missões, de promover a formação do clero e das hierarquias locais, de incentivar a fundação de novos Institutos missionários e de prover às ajudas materiais para as actividades missionárias. A recém-criada Congregação se transformara, deste modo, o instrumento ordinário e exclusivo do Santo Padre e da Santa Sé, para o exercício da jurisdição sobre todas as missões e a cooperação missionária. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/documents/rc_con_cevang_20100524_profile_po.html). Acessado em 15 de maio de 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências Bibliográficas

AMOROSO, Marta. **Crânios e cachaça**: coleções ameríndias e exposições no século XIX. *Revista de História* 154 (2006)

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Localizado na Rua Imperador Pedro II, 371, Santo Antônio, Recife - Pernambuco, Brasil - CEP 50010-240.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. [et al.]; organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. - 2. ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008.

BRANDÃO, Sylvana. (org). **História das Religiões no Brasil**. Vol. II. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

BOURROUL, Estevam Leão. **Frei Caetano de Messina: estudo histórico-religioso**. São Paulo, 1879.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem**; A elite política imperial e Teatro de Sombras: A política imperial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Relume Dumará, 1996.

CHRISTILLINO, Cristiano Luís. *O homem livre e pobre no Brasil oitocentista*. In: OLIVEIRA, TB., org **Trabalho e trabalhadores no Nordeste**: análises e perspectivas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Campina Grande: EDUEPB, 2015, p. 57-84. ISBN 978-85-7879-333-3.

Decreto nº 373, de 30 de Julho de 1844. Disponível em:
(<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-373-30-julho-1844-560765-publicacaooriginal-83949-pe.html>). Acessado em 15 de maio de 2016.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador** vol. 2: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERRO, Celina Correia. **De Capacaça à Bom Conselho**. Uma visão pessoal. Recife: Comunicarte, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**; nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRAGOSO, Hugo. **Nordeste do segundo império: o apaziguamento do povo rebelado mediante as missões populares**. Fortaleza: Revista de Ciências Sociais v.16/17 nº1/2, 1985.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

GUENNES, Joaquim da Silva Mello. **Ligeiros traços sobre os capuchinhos**; contendo a descrição do novo templo de Nossa Senhora da Penha. Recife, 1871.

HAUCK, João Fagundes. et al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo Segunda época. A Igreja no Brasil no século XIX. Tomo II/2, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Imagens 1, Igreja feita pelos capuchinhos durante a Guerra do Paraguai. Disponível em:
(<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/4148>). Acessado em 15 de maio de 2016.

MATTOS, Ilmar R. de. **O tempo saquarema**: a formação do Estado Imperial. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

NEMBRO. Storia dell'attività missionaria dei minori cappuccini nel brasil. Roma: Bibliotheca Seraphico – Capuccina / Cura Instituti Historici Ordinis Fr. Min. Capuccinorum Edita - 1958.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LORETO, Maria. **História da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho**. Recife: Ed. Contexto, 1983.

PALACIOS, Guillermo. **Política externa, tensões agrárias e práxis missionária: os capuchinhos italianos e as relações entre o Brasil e o Vaticano no início do Segundo Reinado**. Revista de História, São Paulo, n. 167, jul./dez. 2012, p. 193-222.

PEREIRA, Frei Serafim J. **Missionários capuchinhos nas antigas catequeses indígenas** e nas sedes do Rio de Janeiro, Espírito Santo e leste de Minas (1840-1997). Rio de Janeiro: Cúrio Provincial dos Capuchinhos do Rio de Janeiro, 1998.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Anais Pernambucanos**. Vol. 10. Edição Coleção Pernambucana, Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes / FUNDARPE / Diretoria de Assuntos Culturais, 1983.

PIO, Fernando. **Frei Caetano de Messina – Um herói esquecido**. Arquivos: Conselho Municipal de Cultura, Recife, dez.1976.

SANTOS, Fernando Pio dos. **Apontamentos biográficos do clero pernambucano: 1535-1935**. Recife: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, vol. 2, 1994.

SANTOS, Mônica Costa. **Missionário de letras e virtudes: a pedagogia moral dos franciscanos em Alagoas nos séculos XVIII e XIX**. 2007. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VERSOÇA, Elcio de Gusmão. **Intelectuais e processos formativos em Alagoas (séculos XIX-XX)**. Maceió: EDUFAL, 2008.

VIEIRA, Sebastião. **O missionário gigante**. Pouso Alegre, 1952.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Capuchinhos no Brasil**. Porto Alegre: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2001.